

## CARTA DO EDITOR

Com o presente número do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, dou por encerrada minha função de Editor Científico desta revista, da qual me ocupava desde 2008. Sou, contudo, testemunha do esforço feito desde 2006, sob a liderança da Dra. Ima Vieira, então diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), e de Andréa Sanjad, que desempenhou as funções de Editora Executiva (2007-2011) e Coordenadora Editorial (2012-2014), para qualificar o Boletim e o recolocar em circulação.

Desde o final dos anos 1990, os periódicos do MPEG experimentavam grave crise, com atrasos na circulação e problemas diversos de ordem editorial. As revistas deixaram de circular em 2002 e, na prática, 'morreram' por inanição. Em 2004-2005, uma tentativa de relançá-las, com novo projeto editorial e gráfico, foi baldada por não terem sido enfrentadas as principais dificuldades: a inexistência de uma equipe qualificada e exclusiva para as revistas e a ausência de um fluxo contínuo de recursos destinados à produção gráfica. Portanto, o primeiro desafio da nova equipe que assumiu as revistas em 2006-2007 foi vencer o descrédito e demarcar uma linha fronteira que deixasse no passado o amadorismo e projetasse para o futuro uma missão: profissionalizar, cada vez mais e sempre.

Muito estudamos para poder exercer a função; frequentamos todos os cursos, workshops e seminários realizados no Brasil desde então; selecionamos e treinamos várias pessoas, muitas das quais acabaram se especializando e se tornando excelentes profissionais e companheiras; repensamos e recriamos, literalmente, todos os documentos, processos e procedimentos necessários à produção das revistas, sejam administrativos, editoriais, tecnológicos ou técnicos. Tivemos, até recentemente, o apoio das sucessivas gestões do MPEG, com a confiança recíproca e o diálogo necessários para a motivação de todos – e que beneficiam, em última instância, a instituição que nos acolhe e que ajudamos a construir.

Não irei enumerar aqui todos os passos dados nesta trajetória. Na verdade, é possível acompanhá-los número a número, ano a ano, neste mesmo espaço, a Carta do Editor, onde venho relatando as mudanças editoriais e administrativas relacionadas ao Boletim. Além disso, fiz um resumo do desenvolvimento recente deste periódico na primeira Carta do Editor de 2014, publicada em abril, ao anunciar a saída de Andréa Sanjad da equipe editorial e, ao mesmo tempo, discorrer sobre os 120 anos da publicação do primeiro fascículo do **Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia**. A coincidência dos eventos favoreceu uma reflexão mais detalhada, pois a iniciativa de Goeldi, no distante ano de 1894, sempre foi inspiradora da equipe que assumiu a revista em 2006-2007.

Cumpre-me, entretanto, neste último editorial, fazer um breve balanço do estado em que a revista se encontra. Esse balanço servirá também para que nosso caro leitor faça, ele próprio, uma avaliação dos resultados que obtivemos. Começamos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): desde 2012, o Boletim é

classificado como A2 em quatro de suas cinco áreas focais (Antropologia/Arqueologia; História; Ciências Sociais Aplicadas, na qual se encontra a Museologia; e Interdisciplinar). Apenas o comitê de Letras/Linguística segue classificando a revista como B5, por razões insondáveis, embora questionáveis, uma vez que aqui publicamos, regularmente, trabalhos de linguística indígena (desde 2006, foram três dossiês, dois deles internacionais, e alguns artigos avulsos). A área de Artes/Música, mais recentemente, também atribuiu um A2 ao Boletim, certamente sinalizando que a revista é um bom veículo para temas de interesse histórico, antropológico e museológico. Como comparação, convém ressaltar que, em 2006, a revista sequer era avaliada pela CAPES, que a considerava como “publicação seriada de interesse regional”, com alto nível de endogenia.

Atualmente, o Boletim pode ser considerado um periódico de abrangência nacional e internacional. Em 2013, somente 22% dos autores eram sediados no Pará, em duas instituições, número que, em 2014, caiu para 7%. Em 2012, publicamos 105 autores de 37 instituições, sendo 11 delas estrangeiras (30% dos trabalhos vinculados a instituições estrangeiras); em 2013, foram 129 autores de 38 instituições, sendo 14 delas estrangeiras (15% dos trabalhos vinculados a instituições estrangeiras); e, em 2014, foram 71 autores de 45 instituições, sendo 15 delas estrangeiras (35% dos trabalhos vinculados a instituições estrangeiras). Entre 2012 e 2013, houve um incremento de 14% na submissão de artigos, mantendo a taxa de crescimento verificada entre 2011 e 2012. Os dados preliminares de 2014 demonstram que essa tendência permanece.

Ao assumirmos a revista, não apenas atualizamos os dados junto aos indexadores ainda existentes em 2006 (Latindex, CLASE e IBSS), como também ampliamos, sobremaneira, o rol de bases de dados onde é possível acessar o Boletim: DOAJ (2010), SciELO (2010), Scopus (2012), AIO (2012) e Anthropological Literature (2014). Em 2014, o Boletim passou a integrar, pela primeira vez, o SCImago Journal and Country Rank (SJR), organizado pela Scopus. A revista está indexada em duas grandes áreas, “Arts and Humanities”, juntamente com outros 28 títulos brasileiros, e “Social Sciences”, com outros 65 títulos brasileiros. Na primeira área, o Boletim tem o terceiro maior Fator de Impacto (0,201), ocupando o Quartil 2. Na segunda, tem o 25º. maior Fator de Impacto (0,201), também no Quartil 2. Contudo, se consideradas apenas as três categorias focais da revista, “Anthropology” (área “Social Sciences”), “Archaeology” (área “Arts and Humanities”) e “Language and Linguistics” (área “Arts and Humanities”), o desempenho é o seguinte: nas categorias “Anthropology” e “Language and Linguistics”, a revista possui o maior Fator de Impacto entre os títulos brasileiros, sendo a única posicionada no Quartil 2; também possui o maior número de documentos publicados em 2013, o maior número de citações nos últimos três anos e o maior número de citações por documento nos últimos dois anos; na categoria “Archaeology”, a revista é o único periódico brasileiro indexado.

Se a escala de comparação for ampliada para a América Latina, o Boletim continua com o terceiro maior Fator de Impacto em um total de 83 títulos latino-americanos indexados na área “Arts and Humanities”, e fica na 32ª. posição entre os 157 títulos latino-americanos indexados na área “Social Sciences”. Se consideradas apenas as categorias focais, a revista segue ocupando a primeira posição em “Language and Linguistics” e em “Archaeology”, em um total de 17 e quatro títulos latino-americanos, respectivamente; na categoria “Anthropology”, a revista ocupa a segunda posição em um total de oito títulos latino-americanos. Depreende-se, portanto, o destaque que a revista possui nas suas três categorias focais, no Brasil e na América Latina, atestado por dados bibliométricos confiáveis, gerados pela maior base de dados de periódicos do mundo.

Se utilizarmos os dados bibliométricos da SciELO, veremos que o Fator de Impacto do Boletim é significativamente menor, de 0,0430. Isto ocorre por três motivos: 1) a base de dados da SciELO é bem menor do que a da Scopus; 2) o Boletim é mais citado por revistas estrangeiras, que não constam na SciELO, do que brasileiras; 3) o Boletim ainda é

a única revista brasileira nas áreas de Arqueologia e Linguística Indígena indexada na SciELO. Por um lado, este fato lhe garante visibilidade nas respectivas áreas, mas, por outro lado, provoca uma distorção nos índices bibliométricos, pois não há, na coleção SciELO Brasil, outras revistas com o mesmo perfil do Boletim, isto é, capazes de gerar citações e, dessa maneira, elevar o seu Fator de Impacto. Ainda assim, é possível fazer uma comparação com o desempenho de outros títulos brasileiros. Por exemplo, entre os 17 títulos brasileiros específicos de Antropologia classificados no estrato A da CAPES (área de Antropologia/Arqueologia), o Boletim possui o quarto maior Fator de Impacto SciELO, sendo a revista que publica o maior número de artigos.

Outro dado importante: em 2010, o Boletim reconquistou o financiamento da CAPES e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), interrompido em 1999. Desde então, esse financiamento manteve-se regular, e com valores crescentes.

Creio que esses dados, por mais áridos que sejam, são suficientes para atestar que, desde 2006, a fase mais difícil foi superada, a de reconquista da credibilidade. Muito há que se caminhar em termos da profissionalização e da ampliação da visibilidade internacional da revista. Existem mudanças e projetos em curso, que tendem a reforçar esses aspectos. O importante é que o novo corpo editorial do Boletim se mantenha atento e ativo, pois o papel dos editores é primordial para o sucesso de qualquer periódico, aqui entendido como sua aceitação por parte de uma comunidade científica ampla e diversa. Seja no controle absoluto da qualidade do que se publica, no registro rigoroso de processos, na estrita vigilância de procedimentos éticos, no planejamento e na avaliação de ações ou na tomada de decisões honestas, sensatas e prudentes, os editores de revistas brasileiras ganham, cada vez mais, relevo em um cenário polêmico e incerto.

Finalizo com meus agradecimentos a todas as pessoas que dividiram comigo o desafio de publicar um periódico científico no Brasil: Andréa Sanjad, Hilton Túlio Costi, Marinus Hoogmoed, Denise Cavalcante Gomes, Hein van der Voort, Claudia López, Glenn Shepard Junior, Priscila Faulhaber Barbosa, Ana Vilacy Galúcio, João Batista Poça da Silva e, muito especialmente, Rafael Lima e Elaynia Ono, profissionais que aprendi a admirar pela competência, seriedade e honestidade com que desempenham suas atividades cotidianas, pela postura ética e responsável no trato com os colegas e com o trabalho.

Boa leitura!

**Nelson Sanjad**  
Editor Científico